

Perdoo, mas nunca esqueço: os efeitos de memória na música Latinoamerica

*I forgive, but I never forget:
the effects of memory in Latin American music*

Geicilayne Tavares Pelayes
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
geicilayne.pelayes@fale.ufal.br
<https://orcid.org/0000-0002-2121-4070>

Kelly Christhyne Lins Tavares
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
christhynelins@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0005-8003-0617>

Sheyla Jayane Tavares Lins
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
jayanesheyla@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0006-3238-4485>

RESUMO

O antagonismo da luta de classes é pressuposto fundamental desta análise que aborda os efeitos de memória materializados no discurso. Partindo do pressuposto de que há uma relação inseparável entre língua, história e ideologia, uma vez que o sujeito é atravessado pela ideologia e só existe como resultado de processos de interpelação ideológica, as materialidades discursivas analisadas aqui remetem ao antagonismo de classes e foram retiradas da música Latinoamerica da dupla Calle 13. Definimos como campo referencial a luta de classes a partir dos efeitos de memória do que nomeamos por formação discursiva (FD) da resistência. Com base nesse pressuposto, buscamos compreender como os processos discursivos que se repetem nos países que formam a América Latina fundem-se por meio de distintas formações ideológicas.

Palavras-chave: discurso; memória; resistência; América Latina; luta de classes.

ABSTRACT

The antagonism of the class struggle is a fundamental assumption of this analysis that addresses the effects of memory materialized in the discourse. Assuming that there is an inseparable relationship between language, history and ideology, since the subject is crossed by ideology and only exists as a result of processes of ideological interpellation, the discursive materialities analyzed here refer to class antagonism and were removed from Latinoamerica music by the duo Calle 13. We define the class struggle as a referential field based on the memory effects of what we call the discursive formation (DF) of resistance. Based on this assumption, we seek to understand how the discursive

processes that are repeated in the countries that make up Latin America merge through different ideological formations.

Keywords: discourse; memory; resistance; Latin America; class struggle.

INTRODUÇÃO

No trabalho de escuta, são tomados como objetos de investigação a estrutura discursiva, a posição ocupada pelo sujeito, as cenas que descreve e constrói. Com base nesses pressupostos e atento às construções discursivas, o analista do discurso ocupa uma posição sujeito. Nesse sentido, o trabalho de interpretação do analista não é neutro, mas ponderado e relativo, não havendo, portanto, um posicionamento absolutista, pois ele “se coloca em uma posição deslocada que lhe permite contemplar o processo de produção de sentidos em suas condições” (Orlandi, 2015, p. 61).

Para fundamentar teoricamente a análise, apoiamo-nos em dois campos do saber. O primeiro é o materialismo histórico e dialético (marxismo), que aborda as formações sociais e a teoria das ideologias. O segundo é a teoria do discurso, que se ocupa da determinação histórica, relacionada aos processos semânticos.

De acordo com Marx e Engels (2001, p. 49), “de todas as classes que se opõem à burguesia, só o proletariado é uma classe verdadeiramente revolucionária”. Definimos como campo referencial a luta de classes a partir dos efeitos de memória do que nomeamos por formação discursiva (FD) da resistência. Com base nesse pressuposto, buscamos compreender como os processos discursivos que se repetem nos países que formam a América Latina se fundem a partir de distintas formações ideológicas, bem como, através do antagonismo opressor x oprimido, verificar como se dá a relação de poder até os dias de hoje. Por meio das análises, tentamos responder às perguntas “Como o sujeito resiste?” e “Gritamos para quem escutar?”.

Para Courtine (2016), a relação entre a materialidade linguística de uma sequência discursiva e as condições históricas que determinam sua produção é regulada pelas condições de produção do discurso, que funda, assim, os procedimentos de constituição de *corpora* discursivos. Partindo do pressuposto de que há uma relação inseparável entre língua, história e ideologia, uma vez que o sujeito é atravessado pela ideologia e só existe como resultado de processos de interpelação ideológica, as materialidades discursivas analisadas aqui remetem ao antagonismo de classes e foram retiradas da música *Latinoamerica* da dupla Calle 13.

Latinoamerica é uma canção da dupla porto-riquenha Calle 13, lançada em 2011. Conta com a participação das cantoras Susana Baca, Totó la Momposina e Maria Rita (do Peru, Colômbia e Brasil, respectivamente). O vídeo da música traz imagens gravadas em 2011 no Peru, além de gravações não utilizadas no documentário *Sin Mapa*, que o grupo fez durante uma viagem pela América Latina. Essas imagens são intercaladas com cenas da dupla tocando no estúdio de uma rádio das montanhas peruanas, cujo locutor fala Quíchua¹. Sua letra trata de temas históricos e socioculturais do continente latino-americano. Vale ressaltar que a intérprete brasileira canta em português a fim de demonstrar não só a variedade linguística do povo latino-americano, mas também ressaltar a questão da distinção entre os processos de colonização e os colonizadores destas localidades.

De igual forma, chama a atenção, nas condições de produção da referida canção, a escolha dos indivíduos para interpretá-la, pois a música é cantada por um homem e três mulheres. Pensamos que tal representatividade não é à toa, senão para demonstrar a supremacia numérica do sexo feminino em relação ao sexo masculino.

É importante ressaltar que a memória discursiva é irrepresentável. Assim, a música, quando recorta, sem o saber, essa memória em algum ponto, produzindo um acontecimento, não “representa”, produz um efeito, inserindo por seu gesto a memória em uma atualidade. Para isso, ela joga com a relação entre a memória, estruturada pelo esquecimento, que é o interdiscurso e o que Orlandi chama de memória institucional, “a que não se esquece” (Orlandi, 2017).

LUGAR DE ENUNCIÇÃO: LUTA PELO RECONHECIMENTO NA RESISTÊNCIA

Os lugares de enunciação, por presença ou ausência, constituem um modo de dizer, imbricados na sua circulação, sua legitimidade, sua organização enunciativa, sendo afetados diretamente pelos processos históricos de silenciamento. De acordo com Zoppi-

¹ A língua Quíchua tem suas raízes na antiga civilização Inca, que floresceu nos Andes entre os séculos XV e XVI, amplamente falada pelo Império Inca e considerada a língua franca da região. Com a chegada dos colonizadores espanhóis, a língua foi oprimida e marginalizada, mas nunca desapareceu completamente, pois desempenha um papel fundamental na preservação da cultura e identidade das comunidades indígenas andinas.

Fontana (2017, p. 66), tais modos de dizer “mobilizam as formas discursivas de um *eu* ou um *nós*, de cuja representação imaginária a enunciação retira sua legitimidade e força performativa”. Tal lugar é, portanto, considerado como uma dimensão que instaura as demandas políticas por reconhecimento e as práticas discursivas de resistência.

Sobre a noção de lugar de enunciação Zoppi-Fontana, afirma:

Trata-se de pensar a articulação entre os processos de subjetivação e as formas históricas de enunciação política, para melhor compreender a relação entre o discurso, a prática política e a constituição de novos sujeitos/movimentos sociais. [...] trazem na sua materialidade linguística as marcas de uma contradição que afeta a (im)possibilidade de uma enunciação política que não esteja ancorada nas determinações subjetivas que constituem um eu/nós que forneceria o fundamento último da legitimidade ética e epistemológica de um dizer (Zoppi-Fontana, 2017, p. 66).

Do ponto de vista teórico, trata-se da relação entre acontecimento discursivo, memória discursiva e enunciação na sua reflexividade performativa. Dessa forma, se é a posição-sujeito que determina os sentidos dos enunciados por meio da memória discursiva, a enunciação é o lugar em que os dizeres do sujeito poderão ser reconhecidos como legítimos relativamente a um determinado lugar enunciativo.

Assim, apoiados em Magalhães e Mariani (2010, p. 397), entendemos que tomar a palavra é uma forma de inscrição em uma rede de diferenças, de produção de sentidos, entrar no simbólico e tornar-se responsável – na sociedade, na cultura – por seu próprio dizer, um dizer marcado pelo *eu devo* e também pela falta.

Para desenvolver a reflexão, tomamos inicialmente como recorte da materialidade discursiva um agrupamento de estrofes retiradas da música *Latinoamerica* de Calle 13, em que os intérpretes assumem o lugar de enunciação na tentativa de representar o povo latino-americano no processo de enunciação. Nesse sentido, podemos observar nas construções que formam a sequência discursiva, SD1, o verbo ‘ser’ flexionado na primeira pessoa do singular, indicando o lugar de representação do intérprete da música.

SD1 – *Soy lo que dejaron. Soy todas las sobras de lo que te robaron [...] Soy una fabrica de humo, mano de obra campesina para tu consumo[...] Soy el el desarrollo en carne viva. Un discurso político sin saliva [...] Soy un pedazo de tierra que vale la pena[...] Soy América Latina. Un pueblo sin piernas, pero que camina.*

Temos na SD1, um discurso sustentado na performatividade que confronta por meio de uma enunciação que demanda reconhecimento ético e moral de seu lugar na sociedade, como parte de um povo. Esta demanda de reconhecimento permite um

movimento de subjetivação necessário na luta contra a objetivação desses sujeitos na história, possibilitando a constituição de uma posição discursiva não subalterna que possa denunciar a opressão. Entendemos tratar-se de um movimento que se constitui no domínio de antecipação, considerado dentro do funcionamento discursivo com prática social, haja vista o sujeito do discurso antecipar-se ao seu interlocutor, no que diz respeito ao sentido que suas palavras nele produzem, ou seja, dir-se-á algo, a partir do efeito que se pensa poder produzir em seu ouvinte (Orlandi, 2015).

Segundo Ericson (2020, p. 423), “o sentido de pertencimento de um povo, sob um contexto histórico particular, sustentado por línguas nacionais, faladas ou escritas, forma a nação [...] é a partir do efeito de memória que se requisita a identificação nacional como um fazer político”.

Já nos primeiros dizeres “*Soy lo que dejaron. Soy todas las sobras de lo que te robaron*” podemos perceber, de forma mais explícita, os domínios de memória coletiva² funcionando, ou seja, o papel da memória com um estabilizador de sentido entre os demais enunciados, também possíveis em uma dada conjuntura histórica latina. Assim, tal domínio reserva um espaço para a organização entre passado, presente e futuro, contribuindo para a manutenção da diacronia interna de uma formação social (Mariani, 2001).

Em seu famoso Discurso de Angostura, Simón Bolívar aponta:

Nosotros ni aun conservamos vestigios de lo que fue en otro tiempo: no somos europeos, no somos indios, sino una especie media entre los aborígenes y los españoles. Americanos por nacimiento y europeos por derechos, nos hallamos en el conflicto de disputar a los naturales los títulos de posesión y de mantenernos en el país que nos vio nacer, contra la posición de los invasores; así nuestro caso es el más extraordinario y complicado (Bolívar, 1978, p. 8).

A indignação de Bolívar ressoa até os dias atuais, como podemos ver nos trechos analisados aqui. Nesse viés, em cada uma das nacionalidades formadas, sua própria substância nacional tem muito mais singularidade e vigor que o denominador comum que as formou. Tais diferenças são tão relevantes quanto as que distinguem Portugal e

² De acordo com Halbwachs (1990), o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência, ou seja, um grupo do qual o indivíduo já fez parte e com o qual estabeleceu uma comunidade de pensamentos. A vitalidade das relações sociais do grupo dá vitalidade a imagens, que constituem lembranças. Portanto, a lembrança é sempre fruto de um processo coletivo e está sempre inserida num contexto social preciso. Tal conceituação nos traz claramente a questão da relação entre o simbólico e a ideologia, se a pensarmos em termos discursivos.

Espanha. Segundo Ribeiro (1978, p. 11), “*Todos son neoamericanos cuya visión del mundo, cuyos modos de vida, cuyas aspiraciones - esencialmente idénticas - hacen de ellos uno de los rostros del fenómeno humano*”.

O silenciamento³ é observável nos dizeres “*Soy el desarrollo en carne viva. Un discurso político sin saliva [...] Un pueblo sin piernas, pero que camina*”, no momento em que, por meio da memória, acessamos uma história de subserviência vivida pelo povo latino-americano em relação aos seus colonizadores europeus. Nesse sentido, Bolívar (1978, p. 8) agrega, “*nuestra suerte ha sido siempre puramente pasiva, nuestra existencia política ha sido siempre nula y nos hallamos en tanta más dificultad para alcanzar la Libertad cuanto que estábamos colocados en un grado inferior al de la servidumbre*”. Algo que chama a atenção no referido dizer é o “antagonismo entre classes opressoras e classes oprimidas. Mas para oprimir uma classe é preciso garantir condições tais que lhe permitam pelo menos uma existência servil” (Marx; Engels, 2010, p. 63), pensando na construção histórica da dominação das classes dominantes e na divisão internacional do trabalho, Galeano (2010, p. 10) aponta que

A divisão internacional do trabalho significa que alguns países se especializam em ganhar e outros em perder. Nossa comarca no mundo, que hoje chamamos América Latina, foi precoce: especializou-se em perder desde os remotos tempos em que os europeus do Renascimento se aventuraram pelos mares e lhe cravaram os dentes na garganta. Passaram-se os séculos e a América Latina aprimorou suas funções.

Desta forma, o autor reitera os efeitos do processo de colonização no desenvolvimento econômico da América Latina, apontando seu subdesenvolvimento como pedra angular do desenvolvimento do capitalismo mundial.

A forma de dizer “*Soy América Latina*” põe em xeque não apenas as diferenças culturais entre anglo-americanos e latino-americanos, mas também contrasta fortemente no que diz respeito ao antagonismo socioeconômico, dividindo-se, assim, em América Rica x América Pobre, com posições e relações assimétricas de poder em um polo e dependência em outro. Por esse motivo, o sentimento de não pertencimento em relação à

³ O conceito de silenciamento aqui utilizado parte do debate de Michel-Rolph Trouillot, que aponta que “qualquer narrativa histórica é um conjunto específico de silêncios, o resultado de um processo singular” (2016, p. 59) e que esses silêncios se relacionam diretamente com o processo de construção dos processos discursivos baseados na história, demonstrando que esse silêncio é fruto das individualidades da história e da sua parcialidade, sendo proposital e um indício da posição social/econômica de quem escreve e que grupo representa.

“América Rica” é que faz os latino-americanos se juntarem abaixo de uma mesma rubrica, questão de pertencimento e identidade intrínsecos à historicidade desses povos e à memória, como pontua Jélin (2002, p.9) “*La memoria tiene entonces un papel altamente significativo, como mecanismo cultural para fortalecer el sentido de pertenencia a grupos o comunidad*”.

Galeano (2010) problematiza a ideia de que a América Latina é tida como uma sub-américa, já que, na concepção dos dominantes, os Estados Unidos da América, são detentores da identidade do ser “americano”, ou seja, os latino-americanos pertencem a uma América de segunda categoria. Dessa forma, observa-se que a dimensão continental da América Latina não corresponde a uma estrutura sociopolítica que a unifique. Ao contrário, sobre tal base física localizam-se dezenas de povos organizados como nacionalidades emaranhadas por singularidades. A partir das revoluções tecnológicas pelas quais passamos, é possível pensar na reaglutinação dos povos no intuito de expressar uma nova civilização que possa engendrar uma entidade política supranacional que no futuro possa ser o lugar onde os latino-americanos viverão seu destino.

O DISCURSO QUE GRITA PARA QUEM PRECISA ESCUTAR

O processo de colonização conseguiu, acima de tudo, subjugar a sociedade, promover a aculturação forçada e converter a população em uma força de trabalho escravizada, útil aos interesses coloniais. Contribuiu também para a homogeneização da prosperidade do empreendimento colonial, seja na etapa de saques de riquezas acumuladas, seja nas variadas formas posteriores de apropriação da produção mercantil. Toda essa organização girava em torno de um objetivo em comum: defender e fazer prosperar a colônia para usufruto da metrópole (Ribeiro, 1978, p. 14). Dessa forma, os colonizadores sobreviveram e prosperaram às custas de combustível humano em forma de energia muscular destinado a ser consumido para gerar produtos mercantis exportáveis.

Aos poucos “*va surgiendo una contradicción irreductible entre el proyecto del colonizador y los intereses de la comunidad naciente*” (Ribeiro, 1978, p. 15). Ou seja, entre os propósitos e os procedimentos da classe dominante-subordinada e a maioria da população que era tomada como objeto do empreendimento colonialista. Tal sentimento é posto na SD2 no intuito de não só resistir, mas também agir contra a subserviência

imposta ao povo latino-americano, e quebrar a construção ideária histórica da América Latina como um local de pessoas que aguentam em silêncio.

SD 2 – El jugo de mi lucha no es artificial porque el abono de mi tierra es natural [...] Aquí se respira lucha [...] Yo canto porque se escucha [...] Vozes de um só coração. Aquí estamos de pié.

A partir dos dizeres da SD2, “*El jugo de mi lucha no es artificial porque el abono de mi tierra es natural*” observa-se o intento de conquistar metas através da luta contra os grupos dominantes gestores da ordenação social diferenciadora. Esta luta se inicia na tensão entre a minoria dominante e as classes subalternas e oprimidas que explodem em convulsões sociais generalizadas, de escravizados, de camponeses, de obreiros etc.; todas elas silenciadas pela repressão e pela História. Nesse sentido, Che Guevara (1979, p. 6) acrescenta, “*Aquí la intelectualidad era esclava a secas, no disfrazada de inteligente; era una esclavitud sencilla puesta al servicio de una causa de oprobio, sin complicaciones; vociferaban, simplemente*”.

O dizer “*Aquí se respira lucha*” faz emergir a necessidade de resistência, a partir da interpelação ideológica, pondo a luta como única maneira de sobrevivência, ou seja, impõe a responsabilidade de lutar àqueles que se consideram latino-americanos, juntando-os como um único povo “*Vozes de um só coração. Aquí estamos de pié*”. Segundo Che Guevara (1979, p. 3) “*La Revolución en América es más que un proyecto, es una necesidad ineludible*”.

Nesse sentido, Che Guevara (1979, p. 8), afirma:

Lo que sí puedo asegurarle es que este pueblo es fuerte, porque ha luchado y ha vencido y sabe el valor de la victoria, conoce el sabor de las balas y de las bombas y también el sabor de la opresión. Sabrá luchar con una entereza ejemplar (Che Guevara, 1979, p. 8).

Na SD em análise, o dizer “*Yo canto porque se escucha*” constrói o acontecimento de que fala. E o que fala é um efeito de presentificação (atualidade) produzido pelo jogo do interdiscurso (memória discursiva) e pela memória institucional (a de arquivo) postas em contradição. E por este mesmo gesto, ela produz um passado (Orlandi, 2017, p. 59). Vale ressaltar a flexão verbal no presente com o intuito de salientar que “a hora de resistir é agora” e que o interlocutor possa reconhecer-se por meio do discurso, destacando a inviabilidade da força de um sem a força dos outros, um chamado para deixar de ser um

instrumento do meio e tornar-se arquiteto do próprio destino, ao passo que indica um direcionamento do discurso em uma relação opressor x oprimido.

Tem-se uma produção de sentidos que prevalece na vontade de deixar de ser humilhado, ou seja, numa distinção central entre duas espécies humanas: os senhores e os servos, os colonizadores e os colonizados, a fim de tirar o indivíduo de uma posição em que progressivamente ele perde sua identidade, sua estima e o respeito de si (Orlandi, 2017, p. 224). Nesse sentido, passamos à próxima SD.

SD 3 – Tampoco pestañeo cuando te miro para que te recuerde de mi apellido. La operación Condor invadiendo mi nido. Perdono, pero nunca olvido [...] Tu no puedes comprar mi alegría. Tu no puedes comprar mis dolores [...] No puedes comprar mi vida.

Percebe-se nos dizeres da SD3 que o sujeito orienta sua ação por um “querer” transformar a realidade, ou seja, a realidade é o motor da possibilidade de exercício da liberdade. Assim, podemos dizer que a liberdade está sempre sujeita à determinação histórica. Liberdade será entendida, então, como “aquele ato de consciência que dá origem ao novo ser posto por ele (ato). Liberdade, como momento da realidade, seu funcionamento está, em primeiro lugar, numa decisão concreta entre diversas possibilidades concretas” (Lukács, 1997, p. 74).

A partir da ideologia é que são conduzidas as práticas humanas. Nesse sentido, a ideologia percorre todas as ações humanas, ou seja, não está presente apenas em momentos pontuais ou de crise. Além disso, tem como pressuposto a resolução de problemas: “a ideologia é acima de tudo aquela forma de elaboração da realidade que serve para tornar a prática social dos homens consciente e operativa” (Lukács, 1997, p. II). Dessa forma, o caráter histórico/ social da ideologia se mostra, pois na medida em que se transformam as sociedades também se transformam as formas de atuação das subjetividades entre si.

Na SD em análise, identificamos o movimento de enfrentamento marcado na língua pelo pronome em segunda pessoa “tu”. A partir daí, vemos que há um sujeito explícito ao qual o discurso é dirigido. Afinal, gritamos para alguém escutar. No que diz respeito às condições de produção da música, algo é bastante chamativo. Como já foi dito anteriormente, Maria Rita, intérprete brasileira, canta uma parte da música em português: “Não se pode comprar minha alegria, não se pode comprar minhas dores[...]”, deixando escapar no movimento de tradução a determinação de sujeito imposta na letra em

espanhol. Demonstra-se, assim, uma omissão do sujeito a quem se dedica o discurso, ou seja, há um apagamento não só do sujeito, mas também da culpa e uma submissão que ressurgem por meio da indiretividade.

Nos dizeres “*Tampoco pestañeo cuando te miro para que te recuerde de mi apellido. La operación Condor invadiendo mi nido. Perdono, pero nunca olvido*”, os efeitos de memória funcionam no intuito de acessar a história de opressão sofrida pelo povo latino-americano ao mesmo tempo que agem como lembrete para impulsionar o movimento de resistência. A partir da leitura discursiva de Orlandi (2017, p. 60), destacamos que entre o registro da realidade – a música analisada – e a memória coletiva, ou seja, “entre um acontecimento e a função social de instituição-reinstituição do tecido social atribuída à memória, há toda a distância que separa a ‘realidade’ do ‘fato de significação’”.

Na referida SD, o dizer “perdoo, mas nunca esqueço” emerge da relação de dependência econômica que a América Latina apresenta em relação aos Estados Unidos da América, ou seja, tal aliança ainda é necessária nos dias atuais para fins políticos e econômicos, mas não anula o sofrimento causado a esse povo e as interferências históricas que essa aproximação trouxe.

O país norte-americano se configura então, como uma nova Europa para a América Latina, na medida em que a explora, e influencia suas tomadas de poder e soberania com mais força a partir da doutrina Monroe no século XIX, e ganha ainda mais impacto com o imperialismo norte-americano e com a sua presença já mencionada anteriormente, no desenvolvimento e na manutenção das ditaduras.

CONSIDERAÇÕES (NÃO) FINAIS

Ao longo das sequências discursivas analisadas, observamos que a liberdade não se trata de um sonho de independência dos liames naturais e sociais, mas está diretamente associada ao conhecimento das leis dessas instâncias e na possibilidade de controlá-las, ou seja, toda a subserviência a qual o povo latino-americano foi submetido é conhecida por ele, constituindo-se, a partir desse conhecimento, o início da sua luta e dos caminhos traçados para a resistência. Para o materialismo histórico-dialético, no qual nos apoiamos aqui, a única forma de se ter um critério sobre a verdade do conhecimento é buscá-lo na própria realidade histórica.

A posição-sujeito ocupada nos versos da música *Latinoamerica* não se trata simplesmente de um sujeito idealista que pode tudo e comanda o mundo apenas através de seus desejos e vontades. Trata-se, no entanto, de um sujeito determinado por uma subjetividade, que introduz as marcas das relações sociais através da ideologia que, por sua vez, desencadeia, por meio da interpelação, a inculcação inconsciente em cada sujeito. Desse modo, há um chamado através da história a todos os que se sentem parte deste todo territorial, a América Latina. Juntemo-nos, pois, à essa resistência necessária que não se trata de opressão passada, mas que pode ser vista a olho nu nos dias atuais. Lembremo-nos do recado deixado por Pedro Albizu na tentativa de independizar Porto Rico “*cuando la tiranía es ley, la revolución es orden!*”.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL), pelo financiamento da pesquisa de Geicilayne Tavares Pelayes sob o processo: E:600.30.0000001355/2023 e da pesquisa de Sheyla Jayane Tavares Lins sob o processo: E:60030.0000000625/2023.

REFERÊNCIAS

BOLÍVAR, Simón. *Discurso de Angostura*. In: *Latinoamerica: cuadernos de cultura latinoamericana*. UNAM, 1978.

CHE GUEVARA, Ernesto. *Latinoamerica: la revolución necesaria*. In: *Latinoamerica: cuadernos de cultura latinoamericana*. UNAM, 1979.

COURTINE, Jean-Jacques. “Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso”. *Policromias*, Nova Zelândia, v.1 n. 1, p. 14-35, jun. 2016.

ERICSON, Sóstenes; TENÓRIO NETO, João Francisco. “‘Uma ponte para o futuro’: efeitos de sentido no discurso neoliberal no Brasil”. *Revista da Abralin*, [S. 1], v. 19, n. 3, 409-428, 2020.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América latina*. Tradução de Sergio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 2010.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

JÉLIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2002.

LUKÁCS, György. *O trabalho*. Tradução de Ivo Tonet. Maceió: Mimeo, 1997.

MAGALHÃES, Belmira; MARIANI, Bethânia. “Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente”. *Linguagem em (Dis)curso*. Palhoça, SC, v. 10, n. 2. 391-408, maio/ago. 2010.

MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói a memória). In: ORLANDI, E. P. (org.). *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2001.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 12 ed. Campinas: Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2017.

RIBEIRO, Darcy. *La cultura Latinoamericana*. In: *Latinoamerica: cuadernos de cultura latinoamericana*. UNAM, 1978.

TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silenciando o passado: poder e a produção da história*. Curitiba: huya, 2016.

ZOPPI-FONTANA, Mónica Zoppi. “‘Lugar de fala’: enunciação, subjetivação, resistência”. *Conexão Letras*. Porto Alegre, RS, v. 12, n. 18, 63-71, 2017.

Recebido em: 14/05/2024

Aceito em: 18/07/2024

Geicilayne Tavares Pelayes: Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Mestra em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Graduada em Letras pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Kelly Christyne Lins Tavares: Mestranda em Filosofia do Programa pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Sheyla Jayane Tavares Lins: Mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Graduada em História pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).